



Getúlio de Alvarenga Cidade

# A Oliveira Natural

As Raízes Judaicas do Cristianismo

Volume 1



PoD  
editora





# **A Oliveira Natural**

As Raízes Judaicas do Cristianismo

**Volume 1**



Getúlio de Alvarenga Cidade



**A Oliveira Natural**  
As Raízes Judaicas do Cristianismo  
**Volume 1**



Rio de Janeiro  
2020



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contida e declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

## **A Oliveira Natural: as raízes judaicas do cristianismo – volume 1**

Copyright © 2020, Getúlio de Alvarenga Cidade

Todos os direitos são reservados no Brasil

### **Impressão e Acabamento:**

#### **Pod Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Pça Tiradentes  
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro  
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br  
www.podeditora.com.br

### **Projeto gráfico:**

Pod Editora

### **Revisão:**

Pod Editora

### **Capa:**

Fábio Darci

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C51o

Cidade, Getúlio de Alvarenga

A oliveira natural : as raízes judaicas do cristianismo, volume 1 / Getúlio de Alvarenga Cidade. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2020.

298 p. ; 21cm

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-62-9

1. Cristianismo e outras religiões - Judaísmo. 2. Judaísmo - Relações - Cristianismo. I. Título.

20-66721

CDD: 261.26

CDU: 27:26

24.09.2020

28.09.2020

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

# Dedicatória

Ao mais ilustre e incrível judeu que já passou por este mundo e que se apresentou a mim quando ainda era um garoto; que me permitiu ouvir sua voz suave dentro de meu coração e me deu a honra de aceitar o convite que lhe fiz para que entrasse em minha vida e fizesse morada; que me tem conduzido pela vereda da vida como um pastor conduz suas ovelhas pelo caminho, em segurança e paz, guardando-me com seu cajado, protegendo-me do mal desde o ventre de minha mãe, nutrindo-me diariamente, conversando comigo como um homem conversa com seu amigo mais próximo, fortalecendo-me nos momentos de pusilanimidade e acolhendo-me em seus braços de amor nas noites escuras; que se alegra com minhas conquistas e me consola em meus malogros, enxugando minhas lágrimas como um pai conforta seu filho após um tombo; que está presente nos momentos mais difíceis, quando as ondas se agigantam e tentam me arrebatar do barco com fúria para me engolir, quando parece não haver mais horizonte nem esperança e Ele surge imponente sobre as águas das tribulações, orientando-me no rumo correto a seguir e aquietando as tempestades em meu interior; que me aperfeiçoa a cada dia, ensinando-me e disciplinando-me quando necessário para que possa me parecer mais com Ele, não obstante meus piores defeitos e minhas maiores fraquezas, sem desistir de mim, jamais; que está comigo em todas as horas e em todos os minutos, acostumando-me a sua presença de tal maneira que não suportaria viver sem Ele nem um instante sequer; que me escolheu antes da fundação do universo e decidiu vir ao mundo para me salvar de meus pecados e da morte eterna; que, antes de subir à cruz e assumir minha culpa para me reconciliar com o Pai, tomando para si o lugar que era meu, orou por mim intensamente em um jardim, solitário e

aflito, debaixo de profunda dor e de um sofrimento excruciante, a ponto de suar gotas de sangue, expressando a mais elevada forma de amor sacrificial, um amor infinito, o qual nem o mundo inteiro poderia conter; a Ele, Jesus Cristo, *Yeshua HaMashiach*, Rei dos reis e Senhor dos senhores, digno de toda a minha adoração, a quem devo tudo o que tenho, tudo o que sou e a minha vida por inteiro, dedico esta obra.

# Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>9</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>17</b>

## Parte I

### **A OLIVEIRA E OS RAMOS – Israel e os Gentios**

<b>Capítulo 1 Primeiro ao Judeu .....</b>	<b>27</b>
1.1 A ordem de Deus para povos e nações.....	30
1.2 A escolha soberana de Deus .....	34
1.3 O remanescente de Israel .....	38
1.4 O segredo de Deus revelado .....	43
<b>Capítulo 2 O Muro da Separação .....</b>	<b>51</b>
2.1 Separação da Oliveira Natural.....	52
2.2 Oficializando o paganismo e o antissemitismo .....	57
2.3 Misturando o santo com o profano .....	60
2.4 Os frutos do antissemitismo .....	67
2.5 “Misericórdia e Justiça” .....	73
2.6 Terror e genocídio em nome de Deus.....	79
2.7 Um lugar e um nome .....	89
<b>Capítulo 3 Abençoarei os que te Abençoarem.....</b>	<b>93</b>
3.1 A Lei da Bênção e da Maldição.....	94
3.2 Convertendo a Maldição em Bênção .....	101
3.3 Uma moabita na linhagem do Messias .....	109
3.4 Rute x Orfa .....	114

## Parte II

### **A OLIVEIRA E OS RAMOS – Dois Rabinos**

<b>Capítulo 4 Jesus, o Messias Judeu .....</b>	<b>123</b>
4.1 Nascido e criado como judeu.....	125

4.2	O Rabino Jesus e seus ensinamentos .....	132
4.3	Cumprindo a Torá .....	143
4.4	Erguendo cercas ao redor da Torá .....	149
4.5	<i>Kol v'homer</i> e a questão do divórcio .....	152
4.6	“Se tu és o Cristo, diz-o abertamente” .....	157
4.7	A orla do seu manto .....	165

## **Capítulo 5 Paulo, o Apóstolo Judeu dos Gentios ... 175**

5.1	Hebreu de Hebreus .....	176
5.2	O encontro entre dois Rabinos .....	180
5.3	O Messias revelado nas Escrituras .....	185
5.4	Um fiel seguidor da Torá .....	189
5.5	A Torá e a graça .....	195
5.6	Amor pelo povo judeu e pelo Messias .....	203
5.7	O principal dos pecadores .....	208

### **Parte III**

## **AS RAÍZES DA OLIVEIRA – As Festas da Primavera**

### **Capítulo 6 As Festas do Senhor - Páscoa ..... 215**

6.1	Deus marca um encontro com seu povo .....	216
6.2	<i>Pesach</i> , a Páscoa do Senhor .....	222
6.3	O <i>Seder</i> de <i>Pesach</i> e a Ceia do Senhor .....	231
6.4	O Cálice da Salvação e a Vítima da Festa .....	238
6.5	Lições do Triclínio .....	247

### **Capítulo 7 As Festas do Senhor – Asmos, Primícias e Pentecostes ..... 263**

7.1	<i>Hag Hamatzot</i> – a Festa dos Asmos do Senhor .....	263
7.2	<i>Hag Bikkurim</i> – a Festa das Primícias .....	268
7.3	<i>Shavuot</i> – a Festa das Semanas .....	272
7.4	<i>Shavuot</i> e o derramar do Espírito Santo .....	278
7.5	A colheita que ainda não se findou .....	284
7.6	Desfecho das Festas da Primavera .....	291

### **Conclusão ... 295**

## Apresentação

O título deste livro não se trata de uma nova doutrina, mas de um assunto inteiramente bíblico, porém, deixado de lado pela maioria dos que leem a Bíblia por desconhecimento, preconceito ou conveniência. A Oliveira naturalmente se refere a Israel, nome este dado pelo próprio Deus a seu povo através dos Profetas (ver Jeremias 11:16) e usado pelo apóstolo Paulo para ensinar aos gentios a seu respeito. É uma alegoria que descreve a nação eleita por Deus, representada pelo judaísmo, sua cultura e seu povo. Nela foram enxertados os cristãos gentios, a quem Paulo chama de zambujeiro (oliveira brava), passando a ser participantes de sua raiz e de sua seiva (Romanos 11:16-24). O que é uma raiz? É o elemento orgânico através do qual se leva nutrientes do solo para a planta que lhe servem de alimento para crescer viçosa e vigorosa, possibilitando-lhe dar frutos saudáveis. É exatamente essa imagem que Paulo toma emprestado do profeta Jeremias para se referir a Israel como Oliveira Natural, recebendo enxerto dos ramos de zambujeiro (gentios). Por isso, ele alerta os gentios para que não adotem nenhuma atitude de soberba ou de arrogância contra Israel, pois não são os gentios que sustentam a raiz, mas a raiz que os sustenta.

O propósito desta obra é levar ao cristão gentio o conhecimento da riqueza dessas raízes judaicas. E o propósito de se conhecer tais raízes é unir a Igreja gentílica à sua origem, levá-la de volta para a Oliveira Natural, onde fora enxertada não por mãos humanas, mas pela poderosa mão divina. Ignorar essa verdade é ignorar o próprio Senhor, aquele que “de ambos os povos fez um” (Efésios 2:14). Seu desejo é a

unidade, pois Ele é um Deus uno. Não há dúvidas de que, quando tal unificação for restaurada, os cristãos gentios irão operar no Reino de Deus com eficiência muito maior, frutificando como nunca antes. Basta olhar para o livro de Atos e verificar como era a Igreja primitiva.

Este primeiro volume está dividido em três partes. A primeira — A Oliveira e os Ramos: Israel e os Gentios — baseia-se no ensino de Paulo em sua carta aos Romanos a respeito da Oliveira Israel. Os judeus são os ramos naturais aludidos por Paulo; os gentios, os ramos de zambujeiro enxertados na Oliveira por intermédio de Jesus Cristo, passando a ser participantes de sua seiva e raiz. Há dois tipos de ramos, porém, integrantes de uma mesma árvore.

O capítulo 1 tem seu título retirado de Romanos 1:16 e o texto baseado nos capítulos de 9 a 11 desta mesma carta paulina. Estes são capítulos únicos em todas as Escrituras ao abordar e explicar o plano de Deus para Israel e as nações. Situa e prepara o leitor para conhecer as raízes judaicas do cristianismo a partir dos ramos da Oliveira. É uma explanação sobre a ordem de Deus para os povos e nações, onde Israel é seu “filho primogênito” por causa da aliança feita com Abraão que jamais foi revogada. “Primeiro ao judeu, depois ao grego” foi uma ordem imutável estabelecida desde o início, o que é ratificado por Paulo ao longo da carta, onde enfatiza a escolha soberana de Deus por Israel como primogênito e o descreve como a “Oliveira Natural”.

O capítulo 2 tem seu título retirado da passagem de Efésios 2:12-17, onde é dito que Deus derrubou o muro que separava judeus e gentios por meio de Jesus Cristo. Embora isso tenha sido um fato incontestável, os gentios buscaram se separar da Oliveira Natural e ergueram outro muro, tornando-o cada vez mais alto ao longo dos séculos, especialmente após a conversão do imperador Constantino I no século IV, o que contribuiu para que a Igreja rompesse definitivamente com suas raízes judaicas. Para demonstrar isso, foram utilizados fatos

históricos que comprovam a separação gradativa por meio do erguimento de tal muro por mãos humanas, desde o século I: a destruição do Templo em Jerusalém por Tito e o crescente helenismo da Igreja; o hiato entre a Igreja e Israel a partir dos pais da Igreja primitiva; os editos e concílios após a oficialização do cristianismo por Roma, o que gerou a contaminação pelo paganismo e o nascimento do que hoje conhecemos como antissemitismo; a grande perseguição aos judeus durante as Cruzadas com os massacres em massa considerados como um serviço a Deus; a Inquisição europeia, com ênfase na espanhola e sua face mais cruel de perseguição aos judeus, onde eram mortos em nome de Deus; e por fim a maior catástrofe de todas que foi o Holocausto, o genocídio de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra. O intento é apresentar ambos os ramos e demonstrar como os zambujeiros buscaram se afastar dessa árvore natural que os sustenta, bem como sufocar seus ramos naturais, diante das contingências da História.

O título do capítulo 3 foi inspirado em Gênesis 12:3. Demonstra-se a lei em vigor desde a promessa feita a Abraão pelo Senhor e seu cumprimento na bênção e na maldição. Todos os que abençoam Israel são abençoados e todos os que o amaldiçoam são amaldiçoados, um princípio ainda pouco conhecido da Igreja gentílica. Alguns exemplos para demonstrar essa lei foram extraídos da Bíblia como a história de José e do povo de Israel no Egito, trazendo tanto a bênção quanto a maldição nesta nação, de acordo com sua postura para com Israel; Raabe, a prostituta que acolheu os espias de Israel em Jericó; e Hamã que tentou extirpar o povo de Israel da face da Terra. Alguns exemplos são históricos como a vertiginosa ascensão do império turco-otomano no século XV e a derrocada do império britânico após a Segunda Guerra, ambos ligados diretamente a essa lei. Há uma seção específica que mostra como a Alemanha foi amaldiçoada pelo Holocausto

durante os anos que se seguiram ao pós-Guerra e de como rapidamente se recuperou, tudo decorrente dessa mesma lei. Sua decisão de permanecer até hoje em apoio irrestrito a Israel tem feito da Alemanha uma das maiores economias do mundo. Por último, demonstra-se o fiel cumprimento dessa lei na vida de Rute, uma gentia que escolheuabençoar Israel e, em contrapartida, foi ricamente abençoada a ponto de ser inserida na linhagem do Messias.

A segunda parte — A Oliveira e os Ramos: Dois Rabinos — trata de dois ramos naturais muito especiais da Oliveira Natural. O primeiro é Jesus que, embora sendo Deus e a raiz que sustenta toda a Oliveira, é também um ramo desta, pois nasceu, viveu e morreu como judeu. Iniciando por seu nascimento e criação dentro de todos os parâmetros de uma família judia observadora da Torá, passando por todo o processo de sua adolescência e juventude para se tornar um rabino, até a maneira como foi sepultado, cada aspecto do judaísmo na vida de Jesus é destacado nesse capítulo. Como rabino, Jesus usava os mesmos métodos de ensino dos rabinos de sua época, dos quais o emprego de parábolas era seu predileto. Alguns de seus ensinamentos, como a oração do Pai Nosso, e muitas de suas palavras estão em completa harmonia e guardam um paralelismo incrível com a *Mishnah* (lei oral), o que mostra o quanto Jesus era versado nela. São debatidos também algumas palavras e termos de difícil compreensão usados por Jesus nos Evangelhos, confrontando-se expressões idiomáticas do hebraico de sua época (e de fácil compreensão por seus ouvintes) com o grego usado nos escritos originais.

O segundo ramo especial é Paulo, o rabino que, após seu marcante encontro com Jesus, tornou-se um ramo tão importante dessa Oliveira a ponto de nos legar mais da metade dos títulos do Novo Testamento por intermédio de suas cartas às igrejas do século I. À semelhança do capítulo anterior, este visa a descrever Paulo em sua

essência judaica e o quanto do judaísmo está contido em seus ensinamentos. Por várias vezes, ao falar de si, ele se coloca como judeu e fariseu, sempre usando o presente do indicativo. Descreve-se o apóstolo dos gentios como um rabino autêntico e um dos mais bem preparados de seu tempo, um fiel observador da Torá, não somente antes de seu encontro com Jesus, mas algo que manteve firmemente após esse evento como, por exemplo, ao fazer voto de nazireu ou na observância do sábado. Tendo vivido como judeu e sendo enviado aos gentios, Paulo jamais forçou algum gentio que vinha a Cristo a se tornar judeu, como era o caso dos prosélitos, porém, permaneceu um fiel judeu até a morte.

A terceira parte — As Raízes da Oliveira — trata das Festas do Senhor, especificamente as que ocorrem na primavera de Israel (Páscoa, Asmos, Primícias e Pentecostes). As Festas do outono estão no volume 2 da obra. Esse é um tema ainda muito desconhecido ou mal compreendido que, no entanto, está revestido de simbolismos proféticos que apontam para as estações, tempos e dispensações que o Senhor designou para manifestar seu plano redentor a Israel e a toda a humanidade. As Festas do Senhor apontam de maneira inequívoca para o Messias e aprender sobre elas é vital para que se possa compreender tais dispensações estabelecidas segundo a presciência e sabedoria divinas. Assim, o capítulo 6 inicia um mergulho propriamente dito nas raízes judaicas. A escolha pelas Festas do Senhor é devido a sua íntima conexão com o Messias, o que permite que chamemos esses marcos do calendário bíblico de Festas do Messias. Em nenhum lugar na Torá, elas são chamadas de festas judaicas e têm seu caráter perpétuo dado por Deus em todas as menções constantes das Escrituras. As Festas da Primavera foram cumpridas profeticamente na primeira vinda do Senhor. Iniciando-se pela Páscoa, estabelece-se um paralelo a um nível detalhado de como ela aponta para o Messias, especialmente com o

cordeiro pascal que devia ser morto antes do pôr-do-sol no dia da preparação que precedia a Festa. Sua observação cerimonial inclui a refeição do *seder* que é a mesa da Páscoa da qual Jesus participou com seus discípulos na noite em que foi traído, ocasião em que instituiu a Ceia do Senhor. A liturgia do *seder* é relatada juntamente com toda a Paixão sofrida por Jesus, traçando-se um paralelo com os elementos da mesa, os salmos cantados e as orações feitas. Em uma seção especial, discute-se detalhadamente sobre o triclinio, o tipo da mesa que foi usada por Jesus e os discípulos naquele *seder* especial, onde é possível reconstituir o local exato em que Jesus e alguns discípulos se assentaram naquela noite, extraindo-se daí lições inéditas e preciosas.

O capítulo 7 trata das demais Festas da Primavera. A Páscoa abrange também Asmos e Primícias e, por isso, são tratadas juntamente. A Festa dos Asmos se inicia no primeiro dia da Páscoa. Explora-se aqui a figura do asmo perfeito que é Jesus, “o Pão vivo que desceu do céu”. Durante o período da Festa, é proibido não somente comer o fermento, um símbolo do pecado, o que também é ratificado por Paulo na carta aos coríntios, mas não se pode abrigá-lo em local nenhum da casa, um símbolo do coração cristão que é a morada de Deus. A Festa das Primícias era celebrada no primeiro dia imediatamente à dos Asmos e aponta para as primícias da colheita da terra. Tais frutos deviam ser separados e trazidos ao Templo como oferta a Deus. A ressurreição do Senhor se deu durante essa Festa e, por essa razão, Paulo coloca Jesus como “as primícias dos que dormem”, tendo Ele ressuscitado como sinal para que todos os que nele morrem saibam que ressuscitarão um dia. Em seguida, discorre-se sobre a quarta e última Festa da Primavera, Pentecostes, quando se celebra a entrega da lei mosaica no Monte Sinai e foi exatamente o dia em que ocorreu o derramar do Espírito Santo sobre os discípulos, conforme prometido por Jesus antes de ascender aos céus. Esta Festa marcou o início de

uma grande colheita de almas (representadas pelo trigo ao longo das Escrituras) que ainda não terminou.

Há muito que se dizer, refletir e aprender sobre a Oliveira Natural nestes capítulos. Que seja este apenas o começo de uma longa e empolgante jornada às raízes de nossa fé cristã. Boa leitura!

## **NOTAS**

1 – Todas as citações cujo original está em inglês são de livre tradução do autor.

2 – Todas as citações bíblicas são extraídas da Edição Contemporânea de João Ferreira de Almeida.

3 – Todas as referências da obra completa constam do Volume 2.



## Introdução

**E** escrever um livro sobre Israel, abordando as raízes judaicas do cristianismo, nunca foi algo que eu tenha almejado anteriormente, preparando-me com o intento de realizá-lo. Na verdade, foi algo que irrompeu dentro de mim no fim do inverno de 2015; para ser mais exato, no início do dia de *Rosh HaShanah* (o ano novo judaico), enquanto conversava com minha esposa sobre os sinais proféticos que aconteciam na época em Israel, nos quais poucos prestavam atenção. Naquele dia, brotou o desejo, ainda que remoto, de despertar a Igreja brasileira em geral não somente para o que ocorre com Israel como um termômetro das estações em que vivemos, sinalizando cada vez mais para os tempos do fim, mas de fazê-la voltar-se para onde tudo começou, para onde germinaram as sementes do cristianismo; voltar-se para nossas origens, para as raízes judaicas de nossa fé cristã. Entretanto, não podia fazê-lo sem antes mostrar que raízes são essas. Não podia pular etapas, sob o risco de colocar a carroça na frente dos bois. Olhar para essas raízes é vital para compreender a essência do cristianismo, nascido em Israel e dentro do judaísmo. Apreciar e compreender essas raízes certamente traz edificação, revelação e consolidação de nossa fé. Foi assim que começou a nascer este livro.

Digo que começou a nascer porque levei seis meses para começar a escrevê-lo, simplesmente porque queria ter a certeza de que isso era uma direção de Deus e não apenas um projeto pessoal. Nesse ínterim, pedi alguns sinais ao Senhor que confirmassem ser essa sua vontade para mim. Não queria despender tempo nem energia em algo que fosse apenas para satisfazer um mero desejo particular. Mas se tivesse a certeza de que isso provinha dele, poderia sentir paz comigo mesmo

por saber que os frutos viriam naturalmente. O primeiro sinal veio de uma mulher que me ouviu em uma mensagem à igreja local no Dia de Oração pela Paz de Jerusalém de 2015, um evento anual que reúne milhões de pessoas ao redor do mundo para orar por aquela cidade, em cumprimento ao mandamento do Salmo 122, e ocorre todo primeiro domingo de outubro. Naquela ocasião, ela me sugeriu que escrevesse um livro para compartilhar o conhecimento sobre Israel, especialmente seu significado espiritual para a Igreja. Isso pode ter sido um minúsculo sinal, mas foi a “nuvem do tamanho da mão de um homem” que eu esperava. Pedi que Deus me desse outros sinais e os recebi como confirmação, alguns deles em sonhos.

Dentre esses sinais, o mais significativo de todos ocorreu somente após eu ter começado a escrever. O primeiro capítulo que escrevi acabou sendo o último (constante do volume 2). Após terminá-lo, fui para o primeiro (volume 1) e, assim, escrevi sequencialmente até o penúltimo capítulo (volume 2). Alguns meses após ter iniciado, questionei-me por que escrevera o último em primeiro lugar, uma vez que não havia nenhuma razão lógica para isso. Eu havia definido um título e um esboço para cada capítulo, o que poderia ser seguido naturalmente. No entanto, fui impelido a começar pelo último. Enquanto meditava nisso, um verso das Escrituras atravessou meus pensamentos como um meteoro: “Eu anuncio o fim desde o princípio (...)” (Isaías 46:10). Entendi, então, imediatamente que isso provinha do Senhor; nada fora por acaso. Foi uma incrível confirmação de que Ele estava no controle deste projeto, o que me motivou sobremaneira. Tudo o que eu precisava fazer era confiar, deixá-lo me inspirar e conduzir minha pena como Ele desejasse.

Durante esse processo, fui surpreendido com a quantidade de informações que acumulei em pouco mais de vinte anos desde que fui atraído por esse assunto e dediquei-me a estudar e a conhecer sobre

nossas raízes judaicas. Como somente havia escrito alguns poucos artigos isolados sobre o tema, nunca havia tido a noção do quanto havia para compartilhar, ao mesmo tempo em que percebi também o quanto havia, e ainda há, por aprender. Por diversas vezes, lembrei-me de um verso que sempre esteve presente na minha adolescência, tão logo quando recebi o Senhor Jesus como meu Salvador pessoal, verso este presente também durante minha juventude e que ainda esbarra nos meus devocionais na idade da maturidade: “Clama a mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes” (Jeremias 33:3). Sabedoria e conhecimento pertencem a Deus. Ele é o Autor da Vida e a fonte inesgotável de revelação, e dá liberalmente a quem lhe pede. Aprendi essa preciosa lição ainda garoto.

Se Jeremias 33:3 sempre marcou minha vida desde cedo, por outro lado, outro verso das Escrituras no qual nunca tinha meditado antes passou a ter um significado bem especial durante o tempo em que escrevia. Foi em uma noite de verão, de calor intenso no Rio de Janeiro, quando fui orar ao ar livre, absorvido pela atmosfera literalmente quente e pela beleza de um céu límpido com estrelas reluzentes que mais parecia um véu escuro cuidadosamente cravejado de diamantes. Enquanto pedia ao Senhor para me guiar nas páginas que escrevia, lembrei-me da breve parábola contida em Mateus 13:52: “Disse-lhes ele: Por isso todo escriba instruído a respeito do reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e velhas”. Aquelas palavras penetraram em meu espírito como uma espada afiada e aquele era o momento certo de aplicá-las em toda sua plenitude. Foi uma passagem que me serviu como um farol na linha do horizonte em cada página deste livro. À medida que escrevia, sentia-me exatamente como aquele escriba mencionado por Jesus, buscando nos meus arquivos mentais coisas velhas que recebera há muitos anos e das quais me recordava como se fora no dia anterior de tão

gravadas que tinham ficado; outras coisas não tão velhas assim, recebidas apenas há alguns anos, mas também devidamente acondicionadas na memória; outras recentes, relativamente novas; e outras muito novas, recém-nascidas em mim, às quais ainda estava procurando digirir enquanto escrevia. As “coisas” que não estavam guardadas no meu “depósito” mental estavam escritas em algum lugar do meu “depósito” físico: nas centenas de anotações pessoais durante as incontáveis horas de estudos que fiz na bíblia que ganhei de minha mãe há cerca de vinte e cinco anos (anotações estas que aferem a essa bíblia um valor inestimável); em algum arquivo eletrônico do meu computador; ou ainda nos inúmeros manuscritos que redigi ao longo do tempo, oriundos dos muitos estudos que fiz, livros e artigos que li, ou de palestras que ouvi, tudo devidamente arquivado em minha biblioteca pessoal. Nunca imaginei que esse “depósito” seria tão vasculhado como o foi durante os meses que passei escrevendo. Senti-me um escriba extremamente grato a Deus por ter-me permitido guardar física e mentalmente tais “coisas novas e velhas”, tão preciosas como um tesouro, durante anos a fio, sem imaginar que seriam tão úteis para um tempo como esse.

A oliveira é uma árvore que se estabelece por séculos e até milênios, de raízes profundas que se estendem por vários metros debaixo da terra, extremamente forte e resistente. É possível encontrar hoje, no Jardim do Getsêmani em Jerusalém, oliveiras com uma idade estimada de cerca de três mil anos, dada sua vitalidade e longevidade. Ou seja, são oliveiras que datam do tempo do Rei Davi e certamente testemunharam a oração agonizante de Jesus na noite de sua Paixão. Vemos essa árvore resistindo ao próprio Dilúvio quando, após baixarem as águas, Noé envia uma pomba para se certificar de que havia terra seca e ela lhe traz um ramo de oliveira no bico (Gênesis 8:11). Encontramos menção dela nos poemas de Davi, ao declarar: “Eu, porém, sou

como uma oliveira que floresce na casa de Deus (...)” (Salmo 52:8), em uma metáfora para mostrar que ele, a despeito das agruras pelas quais atravessava em seu estado de fuga constante de Saul, seu perseguidor que queria matá-lo, permaneceria firme e incólume na presença de Deus, além de dar frutos diante dele. Não existe outra árvore que se assemelhe mais a Israel do que a oliveira. Sua história, ao longo de séculos e milênios, tem demonstrado isso, sobrevivendo à escravidão do Egito, às guerras desde a Antiguidade contra povos e exércitos muito mais poderosos, sendo exilado de sua terra por duas diásporas (tendo a segunda durado quase dois milênios), sofrendo todo tipo de agressão, genocídios e tentativas de extermínio como o Holocausto. Ainda assim, tem permanecido resiliente ao longo das eras, firme e frutífero tal qual a oliveira.

As raízes judaicas da fé cristã são uma herança antiga, recebida no século I a partir da formação da Igreja, composta inicialmente em quase sua totalidade de judeus. É um legado transferido de geração a geração. Conhecer essas raízes não significa judaizar a Igreja gentílica, adotar costumes judeus tais como o uso de quipá, talite ou filactérios, comer refeições kosher, tocar o *shofar* ou adotar nomes hebraicos. Vai bem além de símbolos externos e consiste em conhecer o contexto religioso, sociocultural e histórico em que a Bíblia foi escrita, bem como seus valores transmitidos desde tempos imemoriais até a chegada do Messias, quando se iniciou o cristianismo. Este, por sua vez, era uma mera ramificação dentro do judaísmo, não uma nova religião, sendo desvinculado dele por imposição do império romano somente séculos mais tarde. Aprender sobre tais raízes permite-nos conhecer nossa verdadeira identidade como cristãos gentios; permite-nos sondar mais profunda e detalhadamente a Bíblia Sagrada, uma vez que suas palavras e histórias ganham mais vida quando lidas e estudadas no devido contexto em que foram escritas; permite-nos enxergar com maior

clareza os tempos em que vivemos e discernir suas estações, juntamente com o plano de Deus para a salvação dos homens; e, mais importante de tudo, permite-nos aprender com maior profundidade sobre o Deus de Israel cujo nome professamos. Nesse aspecto, é por demais oportuno citar a frase do rabino Maimônides que viveu no século XII e é considerado até hoje um dos principais mestres e expoentes de maior influência dentro do judaísmo: “O quanto alguém ama a Deus está na proporção direta do quanto esse alguém conhece a Deus”.<sup>1</sup> Aprendemos a amar uma pessoa depois de a conhecermos. E quanto mais dela se conhece, mais passamos a amá-la. Descobrir nossas raízes judaicas e desenvolver afinidade com elas levou-me a conhecer mais profundamente o Senhor e, como consequência, a admirá-lo e amá-lo mais do que antes, descobrindo o prazer em cumprir seus mandamentos. Isso por si só já teria valido a pena.

Há alguns anos, quando estava em Israel, conheci um pastor libanês, sediado no norte do país, que lidera uma igreja de árabes na cidade de Nahariya. Ele imigrara para Israel na condição de refugiado por perseguição religiosa durante a guerra civil do Líbano. A paixão com que o testemunhei falar das raízes judaicas da fé cristã me trouxe uma forte convicção de que esse entendimento pode se alcançar por qualquer um, independente de naturalidade ou cultura; basta que se tenha um coração liberado e aberto ao Espírito Santo. Ouvi-o defender o povo de Israel como se fosse seu próprio povo e exortar as pessoas a abençoarem os judeus se quisessem ser abençoadas, invocando a promessa de Gênesis 12:3 feita a Abraão. Eu mal podia acreditar no que via e ouvia. Enquanto muitos árabes de países vizinhos a Israel pregavam sua destruição e seu extermínio, aquele árabe falava abertamente sobre abençoar o povo judeu. E ele não era o único entre os árabes

---

<sup>1</sup> Hilchot Teshuvah 10:6

cristãos que, grosso modo, conhecem bem as raízes de nossa fé. Antes de qualquer ideologia, posicionamento político ou religioso, era um homem temente a Deus que professava e vivia a Bíblia Sagrada e confiava em suas promessas. Dele também ouvi algo do qual jamais esquecerei. Ele disse que, se amamos o Deus de Israel verdadeiramente, será natural amar o povo de Israel e a terra de Israel, ambos mencionados por Deus nas Escrituras inúmeras vezes. Ao povo, Ele reitera sua bênção e sua aliança repetidamente, independente de sua infidelidade, por amor a Abraão e aos demais patriarcas (exemplos em Jeremias 31:31-37 e Romanos 11:25-29). À terra, Ele diz que é sua, tendo-a dado a Abraão e à sua descendência, além de zelar por ela continuamente (Gênesis 13:14-15, Levítico 25:23, Deuteronômio 11:12 e Joel 3:2). O Deus de Israel, o povo de Israel e a terra de Israel formam os lados de um harmonioso triângulo indissociável e inextricável. Aprendi isso com um cristão árabe cheio do Espírito Santo.

Ao longo do livro, busquei usar aleatoriamente o nome de Jesus em hebraico: Yeshua. Intercalei-o intencionalmente com seu nome traduzido. Jesus é o nome pelo qual o chamamos em nossa língua nativa, o nome que, como gentios, nós o conhecemos e o confessamos pela primeira vez. Por outro lado, quando o chamamos de Yeshua, estamos usando os fonemas de seu nome original em hebraico, dado por Deus, transmitido a Maria pelo anjo Gabriel. É o nome com que era chamado aqui na Terra por todos os que com Ele conviveram; é o nome com que é conhecido no céu; enfim, é o Nome sobre todo nome, ao qual se dobrará todo joelho dos que estão no céu, na Terra e em baixo da Terra (Filipenses 2:9-10). Seja Jesus ou Yeshua, Ele é o Messias de Israel.

Espero e oro de todo o coração que este livro cumpra o propósito para o qual foi escrito, de levar a Igreja gentílica a um mergulho profundo nas raízes de nossa fé, conduzindo-a de volta à Oliveira

Natural, onde fomos inseridos; para que os ramos enxertados voltem a ser participantes dessas raízes, recebendo novamente os nutrientes saudáveis de sua seiva; e possam voltar a florescer como no início do cristianismo, a fim de que venhamos a ser apenas um em Cristo Jesus (Gálatas 3:28). Esta é a vontade soberana de Deus e assim será até que Ele venha.



Composto e Impresso no Brasil  
Impressão Sob Demanda

212236-0844  
[www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

**2020**